

Aniversário do ELO

43 anos ao serviço dos leitores

FOTOS FABRÍCIO LOPES



São já 43 anos de publicação ininterrupta que o ELO celebrou em 23 de novembro, na Sede Nacional, em Lisboa, rodeado de associados, familiares e amigos e numa festa animada que juntou dirigentes, colaboradores, vários residentes do Lar Militar antigos diretores e representantes das Delegações de Lisboa, Setúbal e Viseu, que não perderam a oportunidade de dar aquele abraço à equipa.

O momento especial do aniversário foi preparado com cuidado e tem a sua face mais visível nesta edição come-

morativa para a qual foi convidado o primeiro diretor do jornal (1974-1975), associado António Calvinho, que colaborou desta vez como diretor convidado e coordenou a preparação de algumas das páginas deste número.

A manhã de 23 de novembro foi animada pela atuação do grupo de bandidinistas da UNISBEN (Universidade Sénior de Benfica) que, com o associado António Capela, conhecido e tradicional speaker da Associação nos momentos mais solenes, proporcionou um alegre momento musical e cultural, partilhado com quem quis

estar presente, no Auditório Jorge Maurício.

Fado de Coimbra, canções napolitanas e outras interpretações musicais sensibilizaram todos e a apoteose fez-se na voz de António Capela, que levou a audiência num périplo por Portugal, com uma rapsódia de canções populares regionais, em homenagem ao ELO, que é distribuído assídua e mensalmente por todo o País. Foram salvas de palmas bem merecidas. Também houve poesia de António Gedeão e outras.

Antes do corte do bolo de aniversário, e após o discurso do diretor do ELO, José Diniz, que se reproduz na íntegra, o presidente da DN, José Arruda, saudou o associado Calvinho, os representantes dos Órgãos Sociais Nacionais e os presidentes das Delegações. Cumprimentou o associado Armando Barradas e nele, “como primeiro operário do jornal ELO, os funcionários e colaboradores”. À esposa do associado Barradas, D. Rosa, dedicou palavras o respeito da ADFA, e nela, a todas as mulheres e famílias dos associados.

José Arruda afirmou que “ao falarmos do ELO, falamos de Cidadania e, no

exercício dessa Cidadania, fizemos a nossa manifestação e ocupámos o Palácio da Independência, ao lançarmos o ELO.”

o coronel Mário Tomé referiu que “a ADFA é uma instituição de grande prestígio na sociedade portuguesa” e lembrou que “a Democracia, no pós-25 de Abril, não reconhecia o sacrifício dos deficientes militares”. Saudou a Associação por este aniversário de Liberdade.

António Calvinho mostrou-se emocionado. “Felizmente resistimos e sempre ousámos!” Também cumprimentou o associado Barradas, como “símbolo da nossa luta e esforço laboral na Tipografia”, acrescentando que, “na altura da luta [de 20 de Setembro de 1975,] o jornal chegou a ser editado duas vezes por mês, nas alturas mais intensas.

Aproveitou para lembrar os associados residentes no Lar Militar, sublinhando que “o ELO nunca os esqueceu e que precisam hoje da nossa atenção e cuidado”.

A festa culminou no “Parabéns ao ELO” cantado por todos e no corte de bolo e brinde ao futuro.

Alocução do diretor do ELO



e móveis eram testemunhas dos anos frenéticos vividos nos primeiros tempos da vida associativa, a partir de 19 de Novembro de 1993 a Associação passou a ter uma Sede condigna mas afastada dos holofotes da Baixa de Lisboa.

Com o prestígio e afirmação já alcançados até aí, e com a vida associativa mais estabilizada:

AQUI, na nova Sede Nacional, tem sido possível aos dirigentes associativos esbater essa falta de visibilidade imediatista com uma combatividade renovada que tem reforçado o prestígio da Instituição junto da opinião pública. E podemos dizer que a ADFA até ganhou com a transferência do Rossio para o Lumiar.

AQUI ganhou espaço e condições de trabalho;

AQUI ganhou uma inserção harmoniosa na vida local, sendo considerada uma mais-valia junto dos poderes autárquicos e das instituições locais, que a respeitam, a requisitam e a envolvem nas suas actividades;

AQUI ganhou a Quinta das Camélias, um espaço com enormes potencialidades que só agora começam a emergir. Foi pena terem-se perdido anos de indefinições, com avanços tímidos e recuos desastrosos.

AQUI ganhou uma proximidade invejada com o Lar Militar que tem beneficiado os seus utentes deficientes militares. Sem esta proximidade, a ADFA e os seus dirigentes não se teriam apercebido tão bem dos problemas vividos dentro daqueles muros nem os nossos

camaradas ali internados se sentiriam tão confortados com a proximidade da sua Associação.

AQUI a ADFA também tem ganho com esta proximidade. Apenas um exemplo: o nosso camarada António Calvinho, precursor e antigo dirigente da ADFA, nunca se afastou de nós, respira ADFA por todos os poros, mas, pelo seu espírito irrequieto e inconformista, nos últimos anos era raro vê-lo por cá. Infelizmente para ele, o agravamento da sua deficiência trouxe-o a passar uma temporada no Lar Militar. Voltou ao convívio diário com a sua Casa e com os seus amigos. A DN tem aproveitado a mais-valia que sempre trouxe à Associação e sabemos que o ELO também é um dos seus filhos diletos. Foi o seu primeiro director e há uns meses lançámos-lhe um desafio que ele aceitou com entusiasmo: voltar a ser o director por um mês. No próximo número o seu nome figurará na ficha técnica como director convidado e essa edição terá a sua colaboração, muitas das suas ideias, o seu cunho. Obrigado Calvinho, é uma honra ter-te de volta.

AQUI o ELO ganhou novos horizontes para o cumprimento da sua missão. Modernizou-se, profissionalizou-se e tornou-se um elo mais forte entre todos os associados.

DAQUI o ELO tem acompanhado de perto a vida associativa e tem colaborado com os seus dirigentes, nacionais e locais, no reforço da imagem e prestígio da ADFA.

DAQUI o ELO quer reforçar ainda mais essa ligação estreita com as estruturas da ADFA e com os associados. E 2018 será o ano da mudança e o ano da comemoração do número 500. Será também o ano da “nova comunicação”, como disse há dias o nosso presidente, José Arruda. O ELO espera estar mais no terreno, estar nas Delegações, estar na internet e nas redes sociais, estar com os associados e ouvir as suas histórias de vida, como já faz sempre que tem oportunidade. E um exemplo disso está no último número, no depoimento que o associado José Sousa deu ao nosso editor. Este associado é mais um dos muitos antigos combatentes que há anos espera por justiça e agora veio acampar à porta da ADFA, numa última esperança de que a solução biológica não se aplique a si.

Para preparar a edição 500, que coincidirá com o mês do próximo aniversário, a Redacção irá recolher depoimentos dos antigos directores, dos associados que colaboraram nos primeiros números e dos antigos e actuais colaboradores.

AQUI o ELO, para levar a cabo a sua missão, tem contado com os dirigentes da ADFA, com o seu corpo redactorial e com todos os colaboradores que trabalham na Sede Nacional e nas Delegações. Como sinal de reconhecimento quisemos tê-los todos aqui nesta festa familiar. Um grande bem hajam para todos.

José Diniz

Muito obrigado pela vossa presença nesta celebração do 43.º aniversário do nosso jornal.

Na pressão exercida para que a ADFA abandonasse o Palácio da Independência, quiseram arrumar os DFA em instalações que não reuniam quaisquer condições para as actividades da Associação e para acesso a deficientes. Os OSN da altura bateram o pé e exigiram uma Sede condigna. Foi mais uma guerra que vencemos.

Se desde 23 de Novembro de 1974 a ADFA tinha uma Sede, cuja localização lhe dava visibilidade e aquelas paredes